



## Fonologia do espanhol medieval: evolução das consoantes sibilantes desde o século XIV

Davidson Martins Viana Alves<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho versa sobre a evolução fonética das sibilantes do espanhol como língua materna nos séculos XIV, XV, XVI e XVII. Baseando-se em pressupostos historiográficos e dialetológicos presentes em Alonso (1953), Menéndez Pidal (1958), Alarcos (1965) e Alvar (1999), faz-se um percurso histórico das sibilantes espanholas, observando os valores fonético-fonológicos das consoantes fricativas [s] e [θ], que caracterizam os fenômenos linguísticos seseo, ceceo e distinção, se em posição silábica inicial (ataque / onset) e heheo, se em posição silábica final (coda). O reajuste das consoantes espanholas, que ocorreu entre os séculos supracitados, foi um processo de evolução fonético-fonológica particular à língua espanhola, que deu origem ao sistema consonântico atual. Em séculos anteriores, já eram perceptíveis, particularmente no quadro das sibilantes, notáveis mudanças fonético-fonológicas, motivadas por elementos extralinguísticos, como fatores socioeconômicos e histórico-geográficos, como a presença híbrida de etnias e culturas diversas (presença islâmica, judaica e cigana), sobretudo em Andaluzia. Assim, tomando como referencial teórico a teoria da difusão lexical de Cheng & Wang (1977) e Wang (1990), em que se estabelece que a mudança sonora afeta o léxico gradualmente, atingindo algumas palavras e outras não; podendo, ou não chegar num estágio em que todo o léxico é atingido, aponta-se que o sistema consonântico espanhol moderno é consolidado no século XVII, após um longo processo de delimitação dessas mudanças sonoras.

**Palavras-chave:** Espanhol medieval; Consoantes sibilantes; Evolução fonética.

**Abstract:** This work deals with the phonetic evolution of spanish sibilants as a mother tongue in the 14th, 15th, 16th and 17th centuries. Based on historiographic and dialect logical assumptions present in Alonso (1953), Menéndez Pidal (1958), Alarcos (1965) and Alvar (1999), a historical history of spanish sibilants is made, observing the phonetic-phonological values of fricative consonants [s] and [θ], which characterize the linguistic phenomena seseo, ceceo and distinction, whether in initial syllabic position (attack / onset) and heheo, if in final syllabic position (Coda). The readjustment of the spanish consonants, which occurred between the above centuries, was a process of phonetic-phonological evolution particular to the spanish language, which gave rise to the current consonance system. In previous centuries, notable phonetic-phonological changes, motivated by extralinguistic elements, such as socioeconomic and historical-geographic factors, such as the hybrid presence of different ethnicities and cultures, were already noticeable, particularly in the context of sibilants (Islamic, Jewish and Gypsy presence), especially in Andalusia. Thus, taking as a theoretical reference the theory of lexical diffusion of Cheng & Wang (1977) and Wang (1990), in which it is established that the sound change affects the lexicon gradually, reaching some words and others not; may or may not reach a stage where the whole lexicon is reached, it is pointed out that the modern spanish consonance system is consolidated in the seventeenth century, after a long process of delimitation of these sound changes.

**Keywords:** Medieval Spanish. Sibilant consonants. Phonetic evolution.

<sup>1</sup> Doutorando em Línguas e Culturas em Contato pela UFRJ), Mestre em Linguística pela UFF, pós-graduando em Língua Portuguesa pelo Liceu Literário Português/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LLP-UERJ), Licenciado em Letras: Português/Espanhol (UFRJ. 2014) e Licenciando em Letras: Português/Francês (UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/7547731604984162>

E-mail: [alves.dmv@gmail.com](mailto:alves.dmv@gmail.com)





## Introdução

Este trabalho versa sobre a evolução fonética das sibilantes do espanhol como língua materna nos séculos XIV, XV, XVI e XVII. Para se entender um pouco o tema, é preciso saber que as mudanças fonéticas são processos naturais que se dão em todas as línguas, visto que leis fonéticas gerais independem da genealogia linguística. As causas de mudança promotora dos fenômenos que aqui serão analisados (*seseo*, *ceceo* e *distinção*) não são estritas, já que são consideradas processos comuns e recorrentes, apoiados na tendência de simplificação dos falantes, por mais que em alguns casos se apreciem fatores condicionantes à interpretação de mudanças sonoras.

Acerca do reajuste consonântico do castelhano arcaico, menciona-se com frequência que os alofones principais [s, ʝ, ʎ] das três sibilantes do espanhol do século XVI concentravam-se em um espaço articulatório reduzido pelo que seu contraste fonético era pequeno (mínimo), depois da mudança o contraste era mais expressivo (evidente). Processos de evolução não ocorrem tão rapidamente como se pensa. Baseando-se na Teoria da Difusão lexical de Cheng & Wang (1977) e Wang (1990), a mudança sonora afeta o léxico gradualmente, atingindo algumas palavras e outras não; podendo, ou não, chegar num estágio em que todo o léxico é atingido.

Ao estudar as evoluções da língua, ou mudanças fonéticas, deve-se perceber que nunca se tem um único motivo para a ocorrência de tal fato linguístico, mas sim vários fatores aglutinados que requerem um determinado tempo para propagarem as mudanças, geralmente décadas e/ou séculos. Entre as causas motivadoras, distinguem-se as intrassistêmicas – contexto/ambiente fonético, assimilações - e as extrassistêmicas – fatores de uso, a faixa etária, o sexo, a origem social e geográfica do falante.

Sabe-se que o espanhol, atualmente, é o idioma oficial de mais de vinte países, assim, a variação linguística favorece a diversidade de dialetos, pronúncias e sotaques. Variação esta que se deu, dentre muitos outros fatores que serão aqui comentados e discutidos, pela existência de extensos territórios com as mais diversificadas formas de relevo; como montanhas, planícies, vales, serras e planaltos, dificultando, assim, as possibilidades de comunicação entre os grupos de falantes. Como, por exemplo, o enorme rio Guadalquivir que corta todo o território de Andaluzia. Especificamente, nesse trabalho, um dos focos estará sobre a comunidade autônoma de Andaluzia, da Espanha, pois essa comunidade é o único espaço geoletal que abriga todos os fenômenos variacionais referentes às sibilantes.

Por não haver um maior contato entre as comunidades de falantes de espanhol, principalmente por conta dos fatores extralinguísticos, inovações foram introduzidas a cada geração, fazendo com que a língua se direcionasse a diferentes realidades, se transformasse a





formas diferentes. Esta é uma das causas do espanhol peninsular ser tão diferente do americano, e ainda, o espanhol madrileno do andaluz. A heterogeneidade linguística percebida na língua espanhola deve-se principalmente ao prolongado contato linguístico do castelhano (glotopoliticamente denominado espanhol) com outras línguas. Na Península Ibérica (galego, catalão, basco, valenciano, asturiano, leonês, etc), em geral línguas indo-europeias, e na América Latina, não indo-europeias, mas ameríndias autóctones, próprias daquele território (quéchua, guarani, aymará, náhuatl, mapuche, etc).

Sugere-se que se conceba o andaluz como uma variedade do castelhano que se implantou no vale do rio Guadalquivir com a conquista de Fernando III. Entretanto, desde quando, em que condições e por quais motivos surgiu essa nova variedade? A resposta não é fácil. Implica, sobretudo, saber em que consiste o andaluz hoje e quais são os traços que o distinguem do espanhol em geral. Nesse sentido, um fato fonético-fonológico ocupa um lugar de destaque, o que se chama de *seseo*, *ceceo* e *distinção*, ou seja, a relação dos sons que acabariam originando as sibilantes áptico-alveolar [ʃ], lâmino-alveolar [ʒ] e [θ] interdental do espanhol peninsular. Sobre esse fato gira uma grande discussão acerca das origens históricas do andaluz e é ele o principal objeto de análise desse trabalho de pesquisa.

Desse modo, objetiva-se apresentar o sistema das sibilantes do espanhol como língua materna, com foco na comunidade de fala espanhola que abriga todos os fenômenos fonético-fonológicos concernentes à categoria sonora das sibilantes, a Andaluzia. Os numerosos trabalhos que descrevem as falas andaluzas permitem que se afirme que o andaluz é uma forma bem definida de falar o espanhol e que sua peculiaridade reside fundamentalmente no nível fonético-fonológico. Ao longo da descrição das características desse falar, nota-se que não se pode encontrar nenhum traço fonético comum a todos os falantes andaluzes, nem um traço que seja exclusivo de Andaluzia. No entanto, os fenômenos fonético-fonológicos aqui investigados (*seseo*, *ceceo* e *distinção*) ocupam um lugar de destaque nessa comunidade de fala.

### **Descrição sócio-histórico-geográfica**

Um tipo de distância que contribui para que a pronúncia da língua espanhola não seja uniforme é a separação que impõe as diferenças entre grupos sociais. De acordo com os estratos sociais, o acesso que os indivíduos têm à educação varia. Enquanto que as pessoas de classe alta normalmente têm o ensino superior, as pessoas de classe baixa geralmente têm pouca formação escolar ou nenhum convívio com uma educação formal, ou seja, o nível de letramento e alfabetização está intimamente relacionado com fatores econômicos e, assim, linguísticos. Outro





fator que favorece os falantes de classe alta é o maior acesso que têm à literatura, às artes e a outras formas de expressão de linguagens. Além dos estratos, existem outros fatores sociais que afetam na pronúncia, como o sexo, a idade e o contexto de fala.

Desse modo, ao contextualizar os fenômenos linguísticos com as questões sociais hispânicas, dialoga-se com a descrição fonemática em si. Observam-se os valores fonético-fonológicos das consoantes fricativas [s] e [θ], que caracterizam os fenômenos linguísticos *seseo*, *ceceo* e *distinção*, se em posição silábica inicial (ataque / onset) e *heheo*, se em posição silábica final (coda). Nesse caso, há a realização de uma aspiração das sibilantes, representada por [h] ou [h̃], dependendo da sonoridade do fone subsequente.

Compreende-se que a partir da *desfonologização* do fonema fricativo sibilante áptico-alveolar surdo /s/ elimina-se a oposição e concorrência de uso existente entre ele e o fonema /θ/, assim, surgindo o *ceceo*, realização /θ/ nos grafemas <s>, <c> (antes de <e, i>) e <z>. Este tipo de pronúncia é uma das características mais evidentes e próprias da variedade andaluz da língua espanhola e, também, convencionalmente considerado pelo senso comum como traço da fala inculta e da vulgaridade, a partir de práticas de exclusão, intolerância e preconceito linguístico. Esta prática político-ideológica está relacionada a fatores sociolinguísticos extrassistêmicos - como a origem social e geográfica do falante, e até mesmo a faixa etária.

Em plena oposição ao fenômeno supracitado está o *seseo*, que, por sua vez, *desfonologiza* o fonema fricativo sibilante linguo-interdental surdo /θ/ e admite uma única realização para os grafemas <s>, <c> (antes de <e, i>) e <z>, o fonema fricativo áptico-alveolar surdo /s/. Este fenômeno, chamado *seseo*, que no passado era tido como defeito ortológico individual por causa da igualação fonológica, atualmente é componente da fala culta (América, Ilhas Canárias e algumas províncias de Andaluzia), não-culta (Centro e Norte da Espanha) e da fala culta informal - variação de registro - considerado um ideal idiomático. Visto que o aporte cultural de diversas comunidades de fala orienta a língua nesta direção.

Por último, tem-se a *distinção*, variante de prestígio que tem como realização o fonema fricativo áptico-alveolar /s/ para os grafemas <s> e o fonema fricativo linguo-interdental /θ/ para os grafemas <z> e <c> (antes de <e, i>). Este fenômeno está presente na comunidade de falas cultas formais (variação de registro), visto que é tido como pronúncia padrão (*standard pronunciation*) pelas instituições acadêmicas espanholas, por conta da manutenção da variedade de sibilantes existentes no passado e pela tradição de se conservar essa coexistência fonemática. A *distinção* está entre os referidos fonemas fricativos sibilantes surdos, que articulatoriamente diferem-se apenas no ponto de articulação, sendo /s/ áptico-alveolar surdo e /θ/ linguo-interdental surdo.





As escolhas são essencialmente influenciadas pelo uso, pelos fatores extralinguísticos pelos quais os falantes de uma determinada comunidade elegeram historicamente como seu “padrão”, objetivando a simplificação fonética e interna da língua. Sabe-se que, pela lei do menor esforço, os falantes tendem à igualação fonológica, não seguindo os princípios sonoros que influenciam na escrita, que por sua vez são princípios ortológicos.

Esta concepção corrobora-se com a atuação do sistema, que é tendenciosamente econômico, e com a lei da inércia na fala. Segundo Crystal ([1985]2008), economia linguística é um critério que exige que uma análise seja feita o mais curta possível e use o menor número de elementos possível. Trata-se de uma medida que permite quantificar o número de construtos usados para se chegar à solução de um problema. Este critério foi usado, explícita ou implicitamente, na maioria das áreas da investigação linguística.

Analisando-se o percurso histórico-articulatório dos fenômenos linguísticos aqui discutidos, constata-se que o processo de fricativação de /t̪/ leva à produção do fonema fricativo sibilante pré-dorsodental surdo /s/ que, acusticamente, era quase impossível de se distinguir do /s/ áptico-alveolar; assim, a solução do problema era avançar o ponto de articulação do /s/ pré-dorsodental até o moderno fonema fricativo sibilante interdental surdo /θ/. Entretanto, nas variedades meridionais optaram pela neutralização total destes dois fonemas quase idênticos, dando lugar a fenômenos como o *seseo*, considerado a realização culta e *ceceo*, característico das áreas rurais.

A *distinção*, por mais que seja a pronúncia considerada padrão – padronizada por fatores políticos conservadores com o intuito de manutenção de particularidades do sistema sonoro espanhol - não é produtiva, já que não é recorrente. Essa variante tem pouco rendimento funcional, fator que dificulta o funcionamento eficaz do sistema, por isso a tendência é que ocorram desfonologizações em favor de uma equidade fonética e, por conseguinte, a simplificação do quadro das sibilantes espanholas.

Baseando-se em pressupostos historiográficos e dialetológicos presentes em Alonso (1953), Menéndez Pidal (1958), Alarcos (1965) e Alvar (1999) faz-se um percurso histórico das sibilantes espanholas<sup>2</sup>. Assim, observa-se o seguinte quadro fonético-fonológico na figura 1:

---

<sup>2</sup> Inicialmente, as primeiras indagações surgiram do site de conteúdo livre da Wikipedia ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Reajuste\\_das\\_sibilantes\\_do\\_castelhano](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reajuste_das_sibilantes_do_castelhano)), contudo pôde-se verificar nos referenciais teóricos supracitados uma real e mais robusta definição e explicação sobre a evolução fonéticas das consoantes sibilantes do espanhol.



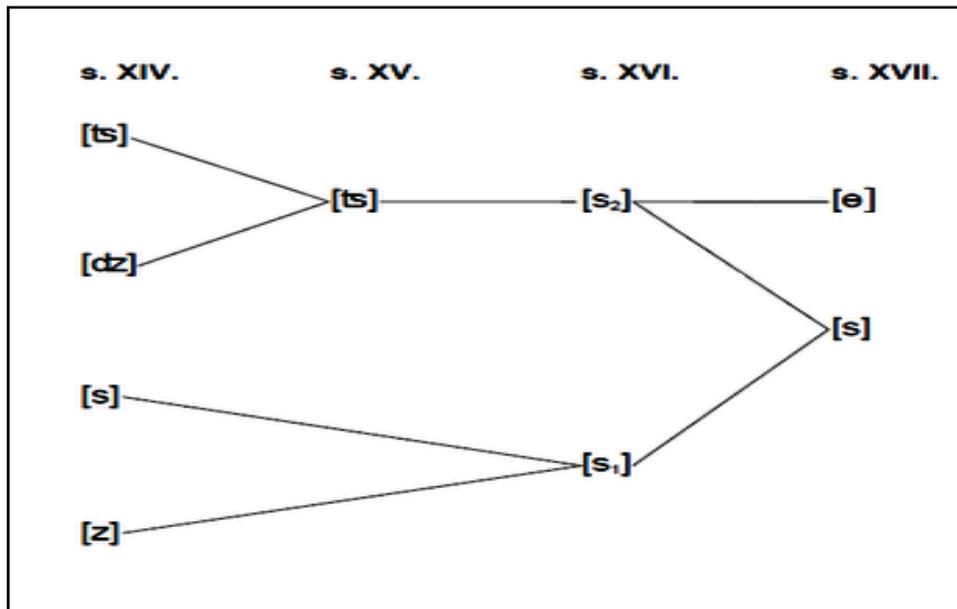


Figura 1: Esquema de reajuste das sibilantes do espanhol.

Para otimizar a leitura e a compreensão das informações linguísticas do quadro da figura 1, cria-se um esquema topalizado dos dados históricos medievais apresentados:

*Séculos XIV e XV*

- Africada pré-dorsodentoalveolar surda: /ts/, <ç> e <c> antes de <e, i>;
- Africada pré-dorsodentoalveolar sonora: /dz/, grafema <z>.

Obs.: Africadas, por isso apresentam o traço matricial (- contínuo). E se diferenciavam entre si na tensão e na sonoridade.

- /ts/: - contínuo / + tenso / - sonoro, *cerca* [tserka] – *plaza* [platsa]
- /dz/: - contínuo / - tenso / + sonoro, *fazer* [fadzer] – *dezir* [dedzir].

*Séculos XIV e XV*

- Fricativa ápico-alveolar surda: /s/, <s> em \_# e <ss> em V\_V.
- Fricativa ápico-alveolar sonora: /z/, <s> em V\_V.

Obs.: Diferenciam-se do outro par de homógrafas por serem fricativas, com o traço matricial (+ contínuo). E se diferenciavam entre si na tensão e na sonoridade.

- /s/: + contínuo / + tenso / - sonoro, *osso* [oso].
- /z/: + contínuo / - tenso / + sonoro, *oso* [ozo] (1ª p. sg. verbo *Osar* [ousar]).



### *Século XV*

- Perda da oposição de sonoridade e tensão entre as africadas. Houve um favorecimento da africada surda.

### *Século XVI*

- [s<sup>1</sup>]: fricativa ápico-alveolar surda.

- [s<sup>2</sup>]: fricativa pré-dorsodental surda (em algumas comunidades de fala seu ponto de articulação avançou no trato vocal, passando a linguo-interdental) – [θ].

Obs.: A oposição +/- sonoridade se perdeu com a desfonologização dos sons vozeados dos séculos anteriores, são eles os [dz] e o [z].

O reajuste das consoantes espanholas, que ocorreu entre os séculos XVI e XVII, foi um processo de evolução fonético-fonológica particular à língua espanhola, que deu origem ao sistema consonântico atual. Durante o século XV já eram perceptíveis, particularmente no quadro das sibilantes, notáveis mudanças fonético-fonológicas, totalmente relacionadas ao uso e a significativos elementos extralinguísticos, como fatores socioeconômicos e histórico-geográficos, principalmente a presença híbrida de etnias e culturas diversas, como a presença islâmica, judaica e cigana, sobretudo em Andaluzia. Assim, depois do longo processo de delimitação dessas mudanças sonoras, consolida-se o sistema consonântico espanhol moderno, século XVII.

Ao tratar especificamente do tema aqui comentado, sabe-se que há uma lacuna acerca do *ceceo* e que é habitual a crença, entre os versados em dialetologia hispânica, de que este fenômeno é exclusivamente andaluz. Na realidade, o *ceceo* se manifesta como traço dialetal ou idioletal na América Latina. Existem estudos dialetais, como Lapesa (1956), que sinalizam áreas isoladas e específicas de *ceceo*, como em Costa Rica, Nicarágua, El Salvador, Honduras, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile e Argentina.

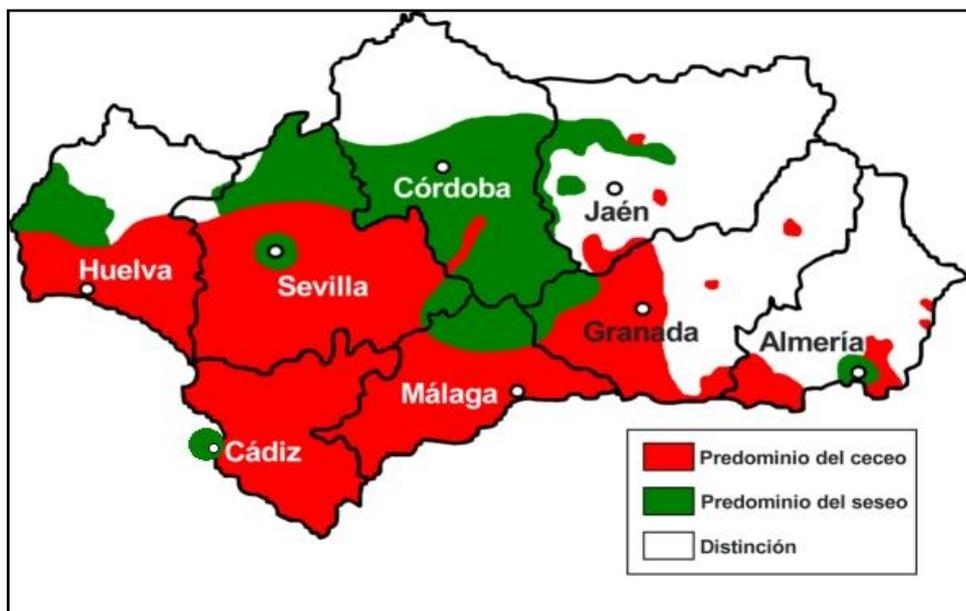
Tratando-se dos fenômenos na Espanha, tem-se um maior acervo bibliográfico. Um trecho de uma obra que trata, com detalhes, dos fenômenos no Espanhol Peninsular é o seguinte:

Hoje a região andaluza se divide em três terços aproximadamente de igual extensão: um que *cecea*, outro que *sesea*, e o terceiro que faz a distinção *c* de *s* (...). Chamo sedimentação ao fato histórico-linguístico de que a coletividade de uma cidade, de uma comarca, vai mostrando preferência por uma das duas articulações até então indistintamente praticadas e relega a outra: se a favorecida é a *c*, o resultado é o *ceceo*; se a *s*, o *seseo*. Este árduo trabalho social de sedimentação teve que ser de larga duração; não só temos que supor que já estava em marcha em 1650 (...) como também que desde o princípio do uso anárquico, contrastivo de *c* e *s* haveria já certa preferência individual ou local.





- Zona de ceceo: Provincias de Sevilla (menos una parte ao norte), Cádiz e Málaga (menos una parte ao norte), sul de Huelva, oeste de Granada e parte da costa de Almería. Seu núcleo, Baja Andalusia.
  - Zona de seseo: Provincia de Córdoba (menos o norte, distinguidor) com uma língua que adentra por Jaén, Guadalquivir acima; norte de Sevilla, norte de Málaga, una parte de Huelva.
  - Zona de distinción: Provincias de Jaén e Almería quase inteiras, a de Granada, menos seu terço ceceante a oeste; a metade norte de Huelva.
- (NAVARRO TOMÁS; ESPINOSA; CASTELLANO, 1933 *apud* ALONSO, 1953: 140-141, tradução do autor).<sup>3</sup>



**Figura 2: Isoglossa de Andalusia com os fenômenos *seseo*, *ceceo* e *distinción*.**

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Andaluc%C3%ADa\\_ceceante\\_y\\_seseante.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Andaluc%C3%ADa_ceceante_y_seseante.svg)

Após a confluência entre os fatores sociais, históricos e geográficos para se analisar e se descrever os fenômenos fonético-fonológicos aqui investigados (*seseo*, *ceceo* e *distinción*), compreende-se que ainda há muitos meandros a se estudar no que se refere à realidade linguística do período medieval, sobretudo para a formação do que se concebeu como *língua espanhola*, que, até a época, era classificada como apenas *castelhano*.

<sup>3</sup> Hoy la región andaluza se divide en tres tercios de aproximadamente igual longitud: uno que cecea, otro que sesea, y la tercera, que hace la distinción c de s (...). Llamo de sedimentación al hecho histórico-lingüístico de que la colectividad de una ciudad, una región, muestra una preferencia por una de las dos articulaciones hasta entonces indistintamente practicada y relega La otro: Si el favorecido es el c, el resultado es el ceceo; si s, seseo. Este arduo trabajo de sedimentación tuvo que ser de larga duración; no sólo tenemos que asumir que ya estaba en marcha en 1650 (...), así como desde el principio del uso anárquico, contrastivo de c y s tendría cierta preferencia individual o local. Zona de ceceo: provincias de Sevilla (menos una parte al norte), Cádiz y Málaga (menos de una parte en el norte), al sur de Huelva, al oeste de Granada y la Costa de Almería. Su núcleo, la Baja Andalucía. Zona de seseo: Provincia de Córdoba (menos el norte, distinguidor) con una lengua que entra en Jaén, Guadalquivir arriba; al norte de Sevilla, norte de Málaga, parte de Huelva. Zona de distinción: las provincias de Jaén y Almería casi intacto, la Granada, el menos su tercer ceceante al oeste; la mitad norte de Huelva.





## Considerações

Nesta perspectiva, acredita-se que este trabalho cumpriu com o objetivo de descrever socio-historicamente o sistema das sibilantes do espanhol como língua materna, com foco na comunidade de fala espanhola que abriga todos os fenômenos fonético-fonológicos concernentes à categoria sonora das sibilantes, a Andaluzia.

Postula-se como proposta prática desta pesquisa a valorização de todas as variantes da língua espanhola no processo de ensino-aprendizagem de espanhol como língua não-materna, ao passo que se coloca o aluno em contato com a diversidade linguística regional, social, diamesica etc. Deste modo, entende-se que, assim como as variedades *seseantes* e *distinguidoras*, a variedade *ceceante* também deve ser valorizada nos cursos de espanhol como língua não materna, visto que sua frequência de uso é maciçamente representada pelos falares da Espanha, sobretudo na variedade andaluza – localizada na maior comunidade autônoma da Espanha.

Como referencial teórico para corroborar estas assertivas, cita-se Scherre (1996: 49), que argumenta: “não se pode praticar a injustiça social em nome da ‘boa língua’. Humilhando o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor”.

Portanto, a partir dessa proposição da autora em promoção aos direitos linguísticos, é possível tecer uma relação com uma abordagem sociolinguística para as fronteiras étnicas, em que os grupos pertencentes a determinados espaços sociais compõem cada uso de linguagem como um ato de identidade, com diferenças internas e externas à linguagem, para exibir suas identidades e, também, para se localizar nesse construído espaço social. Assume-se, portanto, uma prática político-ideológica crítica diante de uma realidade na qual as identidades sociais e pessoais são e permanecerão complexas e multifacetadas.

## REFERÊNCIAS

ALARCOS, E. **Fonología Española**. 4ª ed. Madrid: Gredos. Biblioteca Románica Hispánica. Manuales, 1, 1965.

ALONSO, A. **Estudios Lingüísticos: Temas Hispanoamericanos**. Madrid: Biblioteca Romanica Hispanica. Editorial Gredos, 1953. p. 102-150.





ALVAR, M. **Manual de Dialectología Hispánica: el Español de España**. Barcelona: Ariel, 1999.

CHENG, C.; WANG, W. Tone change in Chao-zhou chinese: a study in Lexical Diffusion. In: WANG, W. (org.). **The lexicon in phonological change**. The Hague: Mouton, 1997. p. 86-100

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Tradução e adaptação da 2ª Ed. inglesa rev. e ampliada, publicada em 1985 por Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editorial, 2008.

LAPESA, R. Sobre el ceceo y el seseo en Hispanoamérica. **Revista Iberoamericana**. Vol. XXI, Núms. 41-42, p. 409-416, Enero-Diciembre, 1956.

MENÉNDEZ PIDAL, R. **Manual de Gramática Histórica Española**. 10ª. ed. Madrid: Editorial Espasa-Calpe, 1958. p. 95-199.

NAVARRO TOMÁS, T.; ESPINOSA, A. M.; R-CASTELLANO, L. La frontera del andaluz. **Revista de Filología Española**, 20, p. 225–277, 1933.

SCHERRE, Mª. M. P. Pesquisa e ensino: modelos de análise em debate – o modelo variacionista. In: BRANDÃO, S. & OLIVEIRA, M. T. (orgs.). **Pesquisa e ensino da língua: contribuições da Sociolinguística**. Anais do II Simpósio Nacional do GT de Sociolinguística da ANPOLL. Rio de Janeiro: Timing Editora/UFRJ/CNPq, p. 73-78, 1996.

WANG, W. Lexical Diffusion in a populational perspective. **Language**, 81 (1): 16-35, 1990.

